

Fome mundial: como a guerra vem agravando a maior crise alimentar em 14 anos

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Trabalhadores no campo de trigo em Qahal, Egito, em 10 de maio de 2022; temporada de colheita no país vai até julho | Foto: EFE/EPA/KHALED ELFIQI Ouça este conteúdo. A guerra na Ucrânia agravou a crise alimentar mundial e os estoques de comida equivalem ao suficiente para apenas pouco mais de dois meses. A afirmação é da empresa de dados agrícolas Gro Intelligence e foi recebida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em maio. “É um fato que pode remodelar drasticamente a era geopolítica”, informou à ONU a executiva-chefe da Gro Intelligence, Sara Menker. Os armazenamentos de trigo estão hoje em 20% do consumo anual – deveriam estar, pelo menos, em 35% – e não existem perspectivas de recuperação. Grande parte dos estoques estão bloqueados na Rússia e na Ucrânia, que, juntos, costumavam produzir cerca de 30% do trigo e 17% do milho consumidos pelo mundo. A Índia, maior produtora de trigo, atrás apenas da China, cancelou a maior parte da exportação, priorizando o abastecimento interno. Outros grandes exportadores do alimento, que poderiam servir de alternativa – como Estados Unidos, Austrália e Argentina – já alcançaram sua produção máxima. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos prevê um declínio de 16,8 milhões de toneladas até o final da safra 2022/2023 no país, devido à seca. Estoques estão bloqueados em solo ucraniano A Ucrânia costumava exportar todos os meses, em média, 6 milhões de toneladas de alimentos – além do trigo, é uma grande produtora de óleo de girassol e milho. Com a invasão russa ao país, a exportação caiu para cerca de 1 milhão de toneladas. De acordo com a empresa especialista em agricultura mundial com sede na França Agritel, a próxima colheita ucraniana deve ter uma baixa de mais de 50%. Os motivos vão de falta de fertilizantes (que não chegam ao território) à perda de mão de obra. Devido ao bloqueio de portos e ferrovias, estima-se que cerca de 20 milhões de toneladas de trigo estão bloqueadas em terras ucranianas. Uma pequena parcela ainda consegue ser transportada através da Romênia. Dada a localização estratégica da Ucrânia, as consequências são globais. Outros países estão interrompendo as exportações, para garantir alimento para a população local. A falta de alimentos e insumos agrícolas é uma urgência mundial. G7 alerta sobre baixa nas exportações A Índia, que no começo da guerra estendeu a mão aos países mais pobres que dependiam do trigo ucraniano, precisou fechar os portos. Neste mês, o país asiático anunciou oficialmente que vai priorizar “a segurança alimentar do 1,4 bilhão de habitantes da Índia”. O país precisou proibir as exportações do cereal, além de repassar o aumento dos custos para os agricultores, com fertilizantes, ração e combustível. Depois da declaração indiana, o G7 (formado por Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido) fez um comunicado alertando para o “agravamento da crise alimentar”. Muitos países na África, no Oriente Médio e na Ásia são dependentes do trigo exportado pela Ucrânia pelo Mar Negro. O maior importador do cereal no mundo é o Egito, seguido pela Tanzânia e por Moçambique, que agora ficam desamparados. O G7 pediu à Organização Mundial do Comércio (OMC) que identifique medidas necessárias para evitar os erros da crise mundial de 2008. Na época, houve falta de alimentos, como arroz, soja, trigo, milho e cereais, que gerou aumento das taxas de inflação em todo o mundo, intensificação da crise econômica mundial e fome. De acordo com especialistas, no entanto, a situação já está igual ou pior do que a de 14 anos atrás. Guerra, pandemia e choques climáticos Os países importadores também ficam à mercê da inflação dos preços de energia, fertilizantes e alimentos básicos. Tudo isso junto chega a 50% das despesas correntes nos países menos desenvolvidos. De acordo com o pesquisador da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Marcelo Neri, já estamos em uma crise semelhante à de 2008. “Seja pela guerra na Ucrânia, choques climáticos ou interrupções na pandemia, já estamos em uma grande crise”, alerta. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), a inflação de alimentos acumulou uma alta de 58% em abril de 2022, em comparação a fevereiro de 2020 – antes da pandemia. Dessa alta, 28 pontos

de porcentagem foram acumulados de outubro de 2021 para cá. “É uma tempestade perfeita em cima de duas crises prévias: a da grande recessão com a escalada da desigualdade e da pandemia”, ressalta Neri. Poucas saídas para o mundo: vantagem para a Rússia Diante da crise, países da Europa, Estados Unidos, Austrália, Argentina e Brasil foram levantados como possíveis alternativas na produção do trigo. Porém, de acordo com o pesquisador do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas (Iris, na sigla em francês) Sébastien Abis, “nenhum país pode aumentar as exportações”, porque todos já produzem dentro da capacidade máxima e precisam dar conta também da demanda nacional. Ironicamente, a única que poderia exportar mais é a Rússia, apesar das sanções. De acordo com o Ministério Americano da Agricultura (Usda, na sigla em inglês), existe a previsão de um recuo na produção mundial – especialmente na Austrália e na Argentina -, mas uma alta na Rússia. O chefe de pesquisa de commodities agrícolas do banco holandês Rabobank, Carlos Mera, prevê que o país comandado por Vladimir Putin produza 84,9 milhões de toneladas de trigo neste ano. Organizações mundiais buscam soluções “Uma guerra na Europa causa fome na África”, diz a chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI), Kristina Georgieva. O Egito é uma das grandes preocupações do FMI, junto com Tunísia e Líbano. O órgão mundial anunciou que “está mobilizado para garantir apoio aos mais vulneráveis”. Presidindo a União Europeia, a França criou uma iniciativa que visa a fortalecer as produções nacionais e garantir transparência nos estoques, a Missão de Resiliência Alimentar e Agrícola (Farm, na sigla em inglês). “O objetivo de curto prazo é acalmar as tensões nos mercados. É essencial que os países mantenham as fronteiras abertas e evitem o excesso de estoques”, afirmou em comunicado o Estado francês. Em relação a essa mobilização europeia, a líder do FMI informou que a iniciativa só terá sucesso se for apoiada pelos principais produtores do G20, Índia, China e Indonésia. Também destaca a importância do envolvimento das organizações internacionais, como FAO e o Fundo da ONU para desenvolvimento Agrícola (FIDA). “A solução a longo prazo passa por uma maior produtividade na África. Isso exige financiamento internacional”, destaca Georgieva. Fome é arma de guerra da Rússia na Ucrânia, diz EUA

Deixe sua opinião Como você se sentiu com essa matéria? Veja mais matérias que causaram reações nos leitores Atualizado às Encontrou algo errado na matéria? comunique erros Sobre a Gazeta do Povo x Sobre a Gazeta do Povo Fonte: GAZETADOPOVO.COM.BR



